

Title

Dr. Justo L. González



Description

Place

Date

© Justo L. González

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>
info@aeth.org



Un sermón que muestra como demonstnan Jonás 4 y Lucs 11 la diversidad de la creación de Dios



© Justo L. Gonzalez; <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

info@aeth.org

O Sinal de Jonas

Lucas 11:29-32

A história parece simples: O Jesus está ensinando, e muitas pessoas vêm o escutar, mas principalmente eles vêm à procura de milagres. Alguns vêm, procurando milagres para eles mesmos, e possivelmente muitos outros por mera curiosidade, por ver algo maravilhoso. Mas o

Jesus diz que eles são uma geração ruim que procura "sinais", quer dizer que procura milagres, porque no Evangelho a palavra "sinal" é um milagre, um sinal do poder de Deus. E o Jesus lhes fala que só lhes será dado um único sinal, um único milagre, e aquele sinal o sinal de Jonas. No Evangelho de Mateus, além das palavras que nós lemos em Lucas, lemos que parte daquele sinal de Jonas é que "assim como esteve Jonas no ventre do grande peixe três dias e três noites, assim o Filho do Homem estará no coração da terra..." [Mateus 12:40; Almeida Revista e Atualizada]. E então tanto Mateus como Lucas dizem que o sinal de Jonas tem que ver com os ninivitas e com "a rainha do Sul." Então, o sinal de Jonas não é simplesmente os três dias no estômago do peixe, mas bastante é muito mais. É, como Jesus diz que os homens de Nínive se levantarão na no Juízo, e eles condenarão até os mesmos que agora escutam a Jesus e vêm a ele

1

à procura de milagres.

Isto parece confuso, e para entender isto temos que voltar à história de Jonas, como está no livro que leva seu nome.

Este livro muito pequeno, de só duas páginas em nossas Bíblias, foi razão de muitas controvérsias. Mas essas controvérsias sempre não estiveram na mesma coisa. Um caso interessante aconteceu no século quarto, quando Jerônimo traduziu a Bíblia ao latim vulgar ou comum de seu tempo (a tradução que hoje é conhecida como o Vulgata). A tradução de Jerônimo foi muito bem feita, e logo focou a tradução mais empregada em todo o mundo de fala latina. Mas havia outras versões prévias, e aquela de Jerônimo não parecia às vezes concordar com essas outras versões as que as congregações estavam mais acostumadas. Aconteceu deste modo que um bom dia em uma igreja no Norte de África, o bispo estava lendo a história de Jonas, e chegou ao último capítulo do livro onde Deus faz crescer uma planta para

que abrigar a Jonas. De acordo com o texto de Jerônimo, a planta era um cabaço. Mas de acordo com o texto conhecido bom, era uma hera. Então, quando o bispo disse "cabaço",

2

alguém protestou, dizendo que era uma hera. A discussão ficou um tumulto, e o debate cresceu e envolveu outras igrejas. Logo sugeriram dois práticos, o do "heristas" e dos "cabacistas." Jerônimo e o cabacistas acusaram ao heristas de ignorantes, e o heristas disseram que os cabacistas eram um montão de bêbados que queriam um cabaço onde esconder seu licor.

Hoje os eruditos bíblicos nos falam que a palavra hebréia que causou tanta discussão provavelmente não era nem uma hera um cabaço, mas um rícino. A controvérsia hoje nos dá risada, porque a diferença entre uma hera e um cavalo não parece ter maior importância. Certamente, a mensagem de Jonas tem que ser mais que algo sobre uma mera era, um cabaço, ou uma planta de rícino.

Mas eu disse no princípio que o livro de Jonas sempre foi razão de controvérsias. Em nossos próprios dias, há quem discute se o que o engoliu a Jonas fosse uma baleia ou um grande peixe. E nem não é dito sobre o debate em se o livro é história ou se é parábola.

Todos esses debates podem acontecer. Mas não lhes podemos permitir esconder a mensagem

3

do livro. O que é mais, muitas vezes suspeito que a razão pela qual esses debates nos interessam tanto é que assim não temos que tomar conta da mensagem do mesmo livro, e que possivelmente se tivéssemos que tomar conta daquela mensagem, não gostaríamos.

Porque a mensagem do livro de Jonas não é sobre uma baleia ou sobre um peixe grande. Não é sobre uma lombriga nem uma planta, seja de hera ou de rícino.

A mensagem do livro de Jonas é sobre este Deus estranho de Israel e Deus nosso que tem uma grande tempestade, e de um grande peixe, e de um estranho planta, e de uma lombriga, tudo para salvar Nínive e dar uma lição a um de seus profetas.

Salvar Nínive. Nínive não era uma cidade qualquer. Nínive era famosa por suas crueldades.

Nínive era a opressora de Israel e de todos os territórios vizinhos. Nínive parecia ser a encarnação da injustiça. Mas este estranho Deus nosso chama para um profeta, produz uma grande tempestade, e ergue um grande peixe, e tudo para salvar a reversa e cruel cidade de Nínive.

4

O livro de Jonas é sobre este estranho nosso Deus que decide salvar Nínive, não porque é uma grande cidade, não por seus palácios ricos, não para seus exércitos poderosos, não por seu poder imperial, não por sua economia florescente, mas, como o mesmo livro diz, por seus animais e por as pequenas crianças que há na cidade. Assim, o livro termina com as palavras de Deus: "e não hei de ter compaixão da grande cidade de Nínive, em que há mais de cento e vinte mil pessoas que não sabem discernir entre a mão direita e a mão esquerda, e também muitos animais?" [Jonas 4:11; Almeida Revista e Atualizada].

Este Deus estranho do livro de Jonas, nosso Deus, não é como os deuses do mundo. É um Deus que compadece das pequenas crianças e dos animais. É um Deus que não salva as nações por grande poder delas, mas por razão das crianças e os animais. Não é um Deus que se preocupa principalmente dos reis ou dos generais, não dos ricos dos poderosos, mas se ocupa das viúvas e os órfãos, os pobres e os estrangeiros.

E em segundo lugar, o livro de Jonas é sobre o mesmo Jonas. O mais estranho do caso é que Jonas não deseja ter êxito. É por isso que Jonas não quer ir para Nínive. Muitas vezes

pensamos que Jonas não quer ir para Nínive porque ele teme a crueldade da cidade. E

5

certamente Nínive era de temer. Mas não; Jonas não é covarde. Quase no começo da história, ele leva um navio para Tárzis, em endereço ao contrário do aquele onde Deus lê lhe ordena ir, e uma grande tempestade ameaça a todos os que estão no navio, é Jonas que lhes fala que a culpa é d' ele, e que se eles o lançam para o mar sobreviverão.

O mesmo Jonas o diz muito claro: a razão pela qual ele não quer ir para Nínive é que não quer ter êxito, não quer que Nínive se arrependa e sobreviva. Ele mesmo diz isto: "Por isso eu me apressei fugindo para Tárzis, pois sabia que és Deus clemente, misericordioso, tardio em iras, e grande em benignidade" [Jonas 4:2; Almeida Revista e Atualizada]. Em outras palavras, eu não quis vir a Nínive porque eu sabia que se eu fizesse isto, e os chamara, os ninivitas se arrependeram, e você os perdoaria. Eu não quis vir a Nínive, porque eu não quis que Nínive sobrevivesse.

E isso se entende facilmente. Imaginam você a Jonas, voltando ao Israel, e falando com os vizinhos:

— "Nós sentimos falta de você. Onde andou você."

— "Pois, embora vocês não acreditem isto, eu fui para Nínive."

6

— "Para Nínive! Você sim é valoroso! E o que fez você lá?" — "Pois, eu estava salvando a Nínive.

Jonas não quer ir para Nínive, não porque ele teme aos ninivitas, mas porque ele teme a clemência de Deus, porque ele não gosta da clemência de Deus.

Por isso eu digo que Jonas é um dos poucos profetas que têm êxito. Mas ele tem êxito de má

vontade, porque o que seria um verdadeiro sucesso por ele não é a mesma coisa que o sucesso que Deus quer o dar e que ele não quer.

O desejo de Jonas é que Deus mostre seu poder aniquilando a Nínive. Jonas quer ver fogo descer do céu como um raio e destruir a cidade. O desejo de Jonas é que Deus manifeste sua glória e seu poder destruindo a cidade. Mas Jonas é profeta, e ele sabe que seu Deus é um Deus de clemência, um Deus estranho que se compadece até de Nínive, e que tem compaixão de seus pequeninos e seus animais.

E agora, no texto do Evangelho de Lucas que nós lemos, Jesus é cercado pelas multidões que

7

vêm procurando sinais. Eles vêm, procurando milagres que mostram quão grande é o poder de Jesus. Eles não vêm ver um maestro pobre que não tem onde reclinar a cabeça. Eles vêm ver as maravilhas, os milagres, os sinais de poder. Eles vêm porque eles acham que o Jesus é um pregador próspero, porque eles ouviram falar dos milagres dele, porque eles querem também desfrutar do sucesso de Jesus.

Mas o Jesus lhes fala que eles são uma geração ruim que procura tais sinais, e que o único sinal que lhes será dado é o sinal de Jonas. Não é que Jesus recusa fazer milagres ou responder às necessidades humanas. No Evangelho inteiro Jesus cura as pessoas doentes e alimenta as multidões famintas. É que Jesus não veio para fazer milagres. Jesus não veio para mostrar o poder da sua glória. Foi precisamente a isto que Satanás o tentou no deserto, e o que o Jesus recusou. Jesus veio para mostrar um caminho diferente que é o caminho do Deus de Jonas, daquele estranho Deus que tem clemência dos pequenos, que repreende ao profeta e perdoa aos ninivitas.

Isso é o sinal que nos será dado. Não que Jesus manifestará sua glória agora na terra. Não que

Jesus faça uma chuva de fogo do céu. Não que Jesus destruirá aqueles que buscam o destruir.

8

Não que Jesus terá sucesso se as pessoas entenderem o sucesso. Não, mas que o Jesus será dado à morte, como Jonas foi dado ao fundo do mar e ao estômago do peixe, e que só será mais tarde, depois do juízo injusto, e da cruz, e da morte, e do sepulcro, que o Jesus se levantará em glória.

Naquele processo, essas mesmas multidões que agora se aglomeram procurando milagres e maravilhas o abandonarão. São multidões que buscam o sucesso como os humanos o entendem. Porque nós procuramos o sucesso na glória, no poder, no prestígio, na vitória. Por isso, quando Jesus recusa usar de seu poder para destruir a seus inimigos, quando ele recusa usar de seu poder dele para fugir da cruz, eles o abandonarão. Só algumas mulheres e um dos discípulos continuarão com ele até o pé da cruz. Só umas mulheres tomaram conta de ungir seu corpo no sepulcro. Aquela multidão que agora se aglomera procurando milagres o abandonará.

Possivelmente até haverá entre eles alguns desses que gritarão, "crucificá-lo"!

Em tudo isto o sinal de Jonas também será visto. Os ninivitas entendem e aceitam melhor a clemência de Deus que o próprio Jonas, com tudo e sendo ele o profeta de Deus. Os ninivitas reconheceram a voz de Deus nas palavras do profeta solitário que cruza a cidade. No outro

9

exemplo que o Jesus dá, a rainha do Suar es dizer—a rainha de Sul — veio duma terra distante porque reconheceu em Salomão uma sabedoria que só pudesse vir de Deus. Mas estas pessoas que agora se aglomeram ao redor de Jesus, e que pedem milagres e sinais, são como esses que não reconheceram a obra de Deus em tempos de Nínive ou de Salomão. Estas pessoas que pedem sinais a Jesus, essas pessoas que esperam um Jesus próspero e uma religião próspera

não receberam outro sinal que o sinal da cruz e da morte e do sepulcro.

Tal é o sucesso que o Jesus promete. Como no caso de Jonas, não é um sucesso do que nós gostamos. Jonas quis ter êxito, mas a seu próprio modo, e eu não como Deus propôs. Por isso, em vez de ir para Nínive, como Deus o ordenou, saiu para Társis.

Jesus terá sucesso, mas seu sucesso, a seu próprio modo, por um caminho que leva à cruz. Este Jesus que diz que o sinal grande dele será o sinal de Jonas é o mesmo Jesus que repreende o Pedro porque o incita evitar a cruz, e o mesmo Jesus que diz: "Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me" [Lucas 9:23; Almeida Revista e Corrigida].

E que de nós hoje? Hoje também muitas pessoas entre as multidões que se agrupam em

10

muitas de nossas igrejas vêm à procura de sinais. Eles vêm à procura de sucesso.

Todos nós queremos ter êxito na vida. Isso não é ruim. Mas há uma diferença enorme entre o sucesso como o define a sociedade em nosso redor e o sucesso como o define este estranho e misericordioso Deus nosso, Deus de Jonas e Deus de Jesus.

O mundo mede o sucesso em termos do que eu tenho. Nosso Deus mede o sucesso em termos do que eu dou.

O mundo mede o sucesso em termos do poder que nos temos. Nosso Deus mede o sucesso em termos do poder que nós compartilhamos com os mais fracos.

O mundo mede o sucesso na base de quantas pessoas nos servem. Nosso Deus mede o sucesso em termos de quantas pessoas nós servimos.

E o que é certo dos indivíduos também é certo da igreja. A igreja também é tentada para medir o sucesso, não como o mede seu Senhor, mas como o mede a sociedade.

11

O sucesso da igreja não está no tamanho de sua congregação, mas na largura de seu serviço para o mundo.

O sucesso da igreja não está em seus sinais de poder, mas em seus sinais de amor. Nossa geração, como aquela de tempos de Jesus, pede sinais, sinais de sucesso. Hoje também, como no passado, as pessoas se agrupam ao redor de Jesus, e muitas igrejas crescem como a espuma. Mas se tais pessoas vêm à procura de sucesso como o mundo o entende, o Jesus os desapontará, porque o verdadeiro sucesso é o sucesso da cruz, o sucesso do serviço, o sucesso do amor.

Em nossa fé, o caminho para o sucesso é, como Pablo diria, tendo o mesmo sentir que havia em Cristo Jesus, que, sendo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tomando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até a morte, e de cruz. Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome [Filipenses 2: 6-11; Almeida Revista e Atualizada].

Isso é o modo em que nosso Deus age. Isso é o sinal de Jonas. Isso é o verdadeiro sucesso.

Amém.

12

